

Pior emergência fica no Gama

“Nossa emergência é considerada a pior do Distrito Federal”. Quem diz isso não é nenhum desafeto do responsável pelo setor no Hospital Regional do Gama, mas ele mesmo, Alexandre Câmara.

Para ele, no Gama são atendidos mais pacientes que no Hospital de Base, embora a estrutura tenha sido projetada na inauguração, em 1967, para atender uma cidade com apenas 200 mil habitantes.

O mapeamento de pontos críticos feito pela Fundação Hospitalar também inclui na lista o ambulatório de pediatria do hospital.

O setor foi interditado, segundo o secretário-adjunto de Saúde, Antônio Alves, porque o piso vinha so-

frendo rebaixamento.

Precariedade — “Corro o risco de ver minha sala invadida por pessoas querendo atendimento”, confessa o médico Rui Nogueira, dando um exemplo da falta de espaço para os pacientes no Hospital do Gama.

Em matéria de sucateamento, a unidade do Gama só compete com o Hospital da Ceilândia. Lá, segundo o vice-diretor, Elísio Garcia, nem a estrutura prevista para a inauguração, em 1983, foi ainda alcançada.

Historicamente, lembra Alves, o orçamento do DF destinava uma média de 4,5% do total para a Saúde. O governo Cristovam Buarque dobrou a participação este ano, destinando 10% da receita para a área.

Só para atender as necessidades de reforma e manutenção dos hospitais foram destinados R\$ 20 milhões, diz a vice-governadora Arlete Sampaio.

Mas um estudo da Secretaria de Saúde acusa a falta de R\$ 58 milhões para concluir obras nos hospitais.

O Ministério da Saúde repassa todos os meses R\$ 7 milhões para a rede pública de hospitais.

Segundo Alves, o total está defasado. Mensalmente a Fundação Hospitalar gasta R\$ 9 milhões. Faltam, portanto, R\$ 2 milhões.